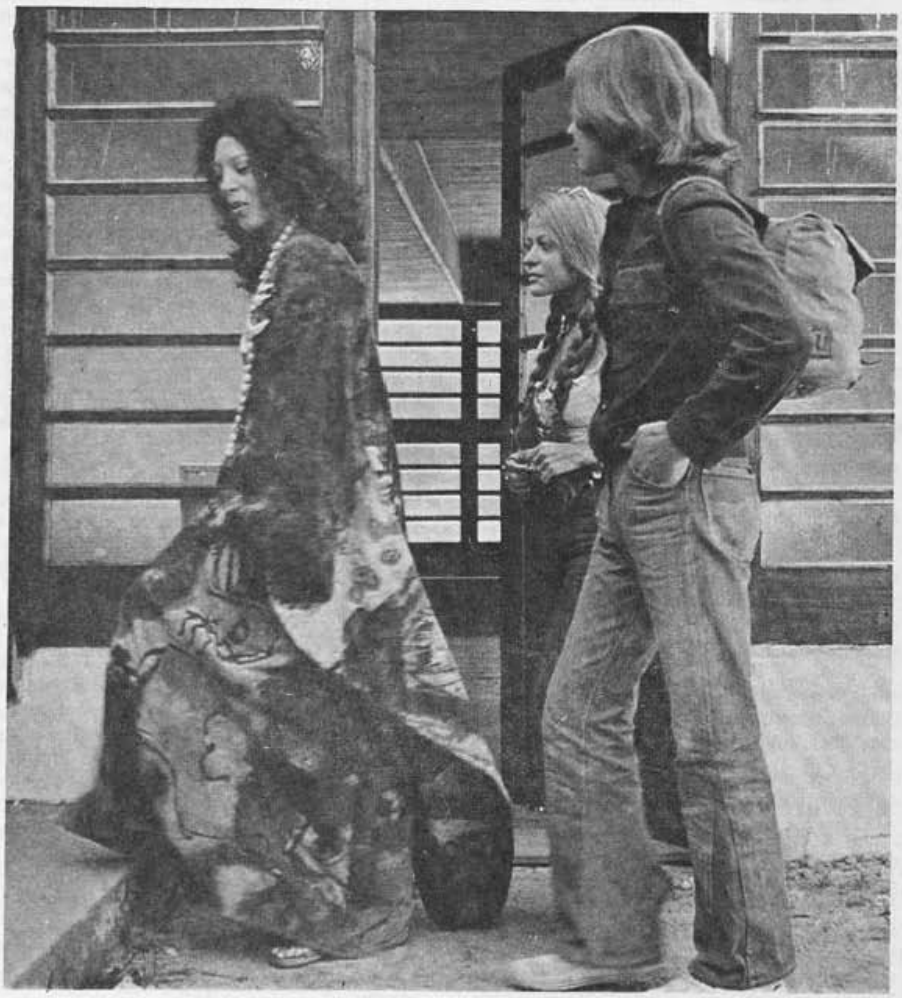
ISABELA

"O ator é o material mais precioso"

Isabela Cerqueira Campos, Prêmio INC e troféu Coruja de Ouro/1971 por sua interpretação em papel coadjuvante no filme **As Quatro Chaves Mágicas,** estreou no cinema há 10 anos, no episódio **Um Favelado,** realização de Marcos Farias. Seu primeiro papel de importância surgiu em **O Desafio,** 1965, de Paulo César Saraceni, sob cuja direção viveria a machadiana **Capitu,** três anos depois. Entre um e outro, destacou-se o seu trabalho em **Proezas de Satanás na Vila do Leva e Traz,** de Paulo Gil Soares, 1967. Antes de **As Quatro Chaves Mágicas,** foi a protagonista de **A Possuída de Mil Demônios,** 1970, de Carlos Frederico. "Com essa maravilhosa experiência — diz Isabella — hoje eu sei que é possível a existência de um cinema onde todos os elementos de um filme participam, em liberdade, de uma forma criadora". **FC**

"Desde criança fui fascinada pelo cinema. Meu sonho, naquela época, era ser trapezista de circo. Tinha até um trapézio em casa, em Mundo Novo, Bahia, mas um dia sofri uma queda, quebrei a clavícula e foi o fim da 'carreira'. Depois me interessei muito por piano e balé, para desapontamento da família, mas reconhecia que estas atividades eram de certa forma limitadas e não ofereciam as possibilidades do teatro. Ainda em Mundo Novo, montava espetáculos em que praticamente fazia de tudo. Durante o ano escolar em Salvador, escolhia os textos e canções, e, nas férias, organizava, ensaiava, interpretava, cantava e dirigia o espetáculo que se chamava 'drama', realizado num clube local que tinha palco, e era assistido por toda a cidade.

Quando vim para o Rio, trabalhando como aeromoça, Darwin Brandão, sentindo a forte atração que eu tinha pelo palco, convidou-me para uma substituição na peça de Silveira Sampaio, 'No País dos Cadillacs'. Esta possibilidade me causou tanto conflito que acabei indo fazer um teste vocacional no ISOPE, cujo resultado me deixou em pânico, pois o Dr. Mira y Lopez me aconselhou a arte dramática. Durante muitos anos escondi o resultado do teste, pois estava presa a mil condicionamentos em relação à carreira teatral. Mais uma vez Darwin Brandão participou de momento importante de minha vida, pois me levou a São Paulo especialmente para conversar com Cacilda Becker, no seu teatro. Foi deste encontro que nasceu, finalmente, uma decisão. Cacilda, com sua simplicidade comovedora, me aconselhou como a uma irmã, dizendo que não trocaria sua carreira por nada no mundo, mas sem esconder as imensas dificuldades que um trabalho sério requer. Ela fez uma carta para Maria Clara Machado e freqüentei o Tablado durante os ensaios



As Quatro Chaves Mágicas: **Prêmio INC e Coruja de Ouro de melhor atriz coadjuvante para Isabela**

da peça 'Do Mundo Nada se Leva'. Lá, conheci Jorge Coutinho que me falou sobre o Conservatório Nacional de Teatro, onde cursei três anos de interpretação e um de direção. Foi muito importante este estágio.

Inicialmente, eu pensava somente em termos de teatro, porque encarava o cinema como atividade meramente comercial. Entretanto, passei a conhecer pessoas ligadas ao cinema, tanto aqui como na Europa, e modifiquei totalmente esta opinião, passando a compreender e valorizar a interpretação cinematográfica.

Comecei, em cinema, com um personagem mudo, discreto, porque eu desejava me observar em cena, sem chamar muito a atenção. Foi em 1962, no episódio de Marcos Farias **(Um Favelado)** em **Cinco Vezes Favela.** No mesmo ano, participei de **Os Apavorados,** de Ismar Porto, uma experiência interessante, embora eu não morresse de amores pelo personagem. Em 1965, fiz **O Desafio,** de Paulo César Saraceni, num papel que me desagradou porque era passivo demais, embora tenha seu aspecto importante: mostrar a solidão em que pode viver uma mulher rica, mesmo tendo um marido e um amante. Em 1967, atuei em **Proezas de Satanás na Vila do Leva e Traz,** de Paulo Gil Soares, a quem sou grata por me confiar um bom papel, o de uma beata, mulher do povo, diferente de tudo o que eu tinha feito até então. Minha aparição em **O Bravo Guerreiro,** de Gustavo Dahl, 1968, foi tão breve que não tenho opinião sobre meu próprio trabalho. No mesmo ano, uma grande responsabilidade: a de interpretar um dos personagens mais discutidos na literatura brasileira, **Capitu,** no filme de Saraceni. Apesar de ter sido decepcionante para mim a atitude de grande parte da crítica, que chegou a me atribuir a responsabilidade de todas as limitações do filme, foi um papel marcante em minha carreira. Participei, ainda, de **A Cama ao Alcance de Todos,** episódio de Alberto Salvá, 1969, vivendo uma paralítica em situações inesperadas e hilariantes; **Lúcia McCartney,** 1970, numa personagem atual em situações do cotidiano; **Barão Olavo,** no qual não tinha um personagem, mas apenas a marcação de gestos comandados pelo diretor. Em **A Possuída de Mil Demônios,** de Carlos Frederico, 1970, tive uma personagem cinematograficamente fascinante. O último trabalho foi com Salvá, em **As Quatro Chaves Mágicas,** 1971, onde faço a Bruxa, experiência que me ofereceu possibilidade até então não experimentada por mim.

Não tenho preferência por nenhum gênero dramático, mas considero que trazer a alegria é sempre mais difícil. Surpreendentemente, meu primeiro e único papel cômico, na peça 'A Prima Dona', de José Maria Monteiro, me valeu o prêmio de melhor atriz no Festival Universitário de Belo Horizonte, em 1962.

No teatro, o ator é o único meio de que o autor e o diretor dispõem para chegar ao espectador, resultando daí o grande cuidado quanto às possibilidades do intérprete. No cinema, o ator não possui sequer o controle da apresentação da sua imagem. Sua participação no filme fica subordinada a diversos processos de ordem técnica e às características pessoais do diretor. Por esta razão é mais agradável para o ator fazer teatro: pode ser desastroso fazer um filme sob má direção.

Acima, Isabela com Adriana Prieto em Lúcia McCartney; embaixo, com Oduvaldo Viana Filho em O Desafio

Grande parte dos diretores de cinema só pensa nos recursos técnicos, esquecendo de aproveitar as potencialidades do material mais precioso à sua disposição, oferecido pelo ser vivo que é o ator. Com a maravilhosa experiência que tive na realização de **A Possuída de Mil Demônios,** hoje eu sei que é possível a existência de um cinema onde todos os elementos de um filme participam, em liberdade, de uma forma criadora.

Quando aceitei fazer novela em televisão, pensava que assim atrairia um público para o cinema, mas isso não ocorreu. Temos exemplos de filmes realizados com grandes nomes da TV e que foram fracasso de bilheteria. No Brasil, a popularidade é da própria televisão.

De qualquer forma, a popularidade pessoal em si não significa absolutamente nada, embora seja necessária em termos profissionais.

No momento, o ator só encontra continuidade de trabalho na televisão, submetendo-se a salários baixos, sem quaisquer garantias — com raras exceções. Todos nós sabemos que a grande estrela é a TV e não os atores, que são rapidamente consumidos e esquecidos pelo público. Por uma questão de sobrevivência, os atores são obrigados a submeter-se a esta engrenagem.

O Prêmio INC foi uma surpresa que me encheu de alegria e que, por razões muito pessoais, tomei como um acontecimento de bom augúrio."